



O QUE É O MAL - UMA
COMPARAÇÃO DA ONTOLOGIA
DO MAL EM PLATÃO E
AGOSTINHO

WHAT IS EVIL - A COMPARISON OF THE
ONTOLOGY OF EVIL IN PLATO AND AUGUSTINE

Victor Chaves Moreira²⁹

²⁹ Teólogo pela Faculdade Internacional Cidade Viva, membro do grupo de estudos de Filosofia da Religião Beátus Vir. E-mail: vchavesmoreira@gmail.com.

RESUMO

Um dos principais problemas abordados por Santo Agostinho de Hipona ao longo de sua vida foi rebater a doutrina do Maniqueísmo, a qual ele mesmo foi adepto durante um período de sua vida, por meio de diversos trabalhos onde ele dedica a expor o que é o Mal. Haja vista que, como o próprio Agostinho afirma, os escritos de Platão tiveram grande influência em seu pensamento, o presente trabalho visa analisar os conceitos de ética, sabedoria, bem e mal presentes em ambos os pensadores e compará-los para saber se quanto às opiniões tiverem influência nas de Agostinho em suas abordagens sobre a ontologia do mal.

PALAVRAS-CHAVE

Agostinho; Platão; mal; bem; ontologia.

ABSTRACT

One of the main problems addressed by St. Augustine of Hippo throughout his life was to refute the doctrine of Manicheism, which he himself was adept during a period of his life, through several works where he dedicated to exposing what it is the Evil. Given that, as Augustine himself states, Plato's writings had a great influence on his thought, this paper aims to analyze the concepts of ethics, wisdom, good and evil present in both thinkers and compare them to know whether in terms of opinions they influence those of Augustine in his approaches to the ontology of evil.

KEYWORDS

Augustine; Plato; bad; well; ontology.

1. INTRODUÇÃO

O Problema do Mal é um dos assuntos mais debatidos ao longo da história da Igreja Cristã, quando esta se vê desafiada a explicar como pode um Deus bom e todo poderoso permitir a existência de tal coisa como o Mal. Mas antes de se poder tratar deste assunto, é preciso antes saber o que exatamente vem a ser o mal. Agostinho foi um dos pensadores cristãos que mais lidou com o assunto dado ao fato de ele ter de lidar com os Maniqueus (os quais criam que o bem eo mal são naturezas opostas), e também outros casos como a queda de Roma, quando o assunto do mal veio a ser discutido.

O próprio Agostinho fala como o filósofo Platão teve influência em seu pensamento e que naquilo que Platão não é contrário à fé cristã ele concordava. Também é sabido que muito do pensamento filosófico do mundo helênico teve algum impacto no cristianismo primitivo. Por isso, esse trabalho visa comparar as visões de Agostinho com as de Platão no que diz respeito da ontologia do Mal e ver o quanto Platão teve impacto nos conceitos de Agostinho.

1.1 MÉTODOS

Comparar como os conceitos de ética, sabedoria, bem e mal são desenvolvidos tanto em Platão como em Agostinho, e verificar se e quanto o primeiro influenciou o pensamento do segundo.

1.2 DISCUSSÃO

Platão não discorre da ontologia do Mal, i. e., ele não fala sobre “o mal” diretamente. Mas ele discorre corriqueiramente

sobre ética, especialmente em sua obra *Mênon* (PARRY, 2014), onde Sócrates e Mênon discorrem sobre o que é a virtude e como adquirí-la (70a), bem como na obra *Protágoras*, onde o jovem Sócrates inquiri o velho sofista Protágoras como e por que a virtude pode sim ser ensinada. No decorrer do diálogo é demonstrado que existem muitos tipos de virtude, cada um relacionado a diferentes áreas e pessoas (71e -72c), mas que existem uma virtude maior que abrange todas as demais (72d -73e). Essa virtude é, como primeiramente dito por Mênon na obra:

Portanto me parece, ó Sócrates, que a virtude é, de maneira poética, alegrar-se nas coisas boas e se tornar apto a elas. Eu também digo ser isto, desejar ser capaz de produzir as coisas desejáveis dos bens. (MÊNON, 77b, Tradução livre)

Em outras palavras, ter virtude é ter prazer no que é bom (o “bem”), desejar e ser capaz de fazer o que é bom. Logo em seguida Mênon também reconhece que há quem faça o mal, bem como há quem deseje o mal. Ele explica o porquê disso:

Qual? Aquele que pensa que os males trazem benefícios é [mau]? Ou seria [o caso de que] dos males serem conhecidos porque fazem mal? (Mênon) Existem aqueles que pensam que os males trazem benefícios, mas também aqueles que sabem que fazem fazem mal. (Sócrates) Você acha que aqueles que pensam que os males trazem benefícios sabem que [estas

coisas] são males? (Mênon) Não completamente. (Sócrates) Então está claro que estes não desejam o mal, mas são ignorantes quanto a isto. (SÓCRATES, 77d-77e, tradução nossa)

Para simplificar: Há pessoas que desejam o que é mau porque acham que é bom (não sabem que é mal) ou porque podem tirar proveito disto. Mas se de fato eles soubessem que é mau, não o desejariam nem o fariam. O mal aqui é o oposto da virtude. A virtude (como visto na citação anterior) é buscar e fazer o que é bom, e o mal é o oposto disto. Ambos Sócrates e Mênon parecem concordar que desejar a virtude (e, poderíamos dizer, o bem) faz parte da natureza humana (78b). Há bens como saúde, força, beleza e riqueza: tudo isso pode ser considerado benéfico algumas vezes, mas outras não (87e - 88a). A diferença quando certas coisas fazem bem e quando fazem mal é quando seu uso é “correto” ou não (88a) (PARRY, 2014; SHAL, 20--?).

Assim como os bens mencionados acima fazem bem ao corpo, há aqueles que são os bens da alma: entendimento, temperança, justiça, coragem, inteligência, memória, magnificência. Estes, porém, não são o mesmo que o conhecimento (88b). Assim como os bens do corpo, estes também podem ser prejudiciais (o exemplo que Sócrates dá é de um homem corajoso mas sem bom senso) (88b). A conclusão sobre a virtude é: o proceder sábio conduz a justiça e o proceder tolo ao erro. A virtude tem a haver com a sabedoria, pois os bens do corpo dependem da alma, e os bens da alma dependem de um proceder sábio para serem boas (88e) (PARRY, 2014; SHAL, 20--?).

Pensamento semelhante é visto em outros diálogos (PARRY, 2014). É mencionado em Protágoras (345c) que homens sábios não desejam nem fazem o mal. Um homem deve considerar aquilo que homens instruídos têm a dizer sobre si, para saber quando seu proceder é bom ou ruim, do contrário ele irá e não viverá uma vida digna (Crito, 47e). Não é possível obter benefício de mais nada sem sabedoria (Eutidemo, 281b-281d): mesmo que todos busquem a boa sorte (εὐτυχία) (Eut. 279c) onde há sabedoria não há necessidade de sorte (Eut. 280b). Todos querem a felicidade, pois essa é base psicológica para que todas as atividades da vida sejam bem conduzidas (PARRY, 2014), e o conhecimento (usado como sinônimo da sabedoria) é o que produz justiça e boa sorte, todos os homens, por isso, devem buscar adquirir sabedoria (Eut. 282a).

Também em Protágoras, o sofista é questionado por Sócrates como é possível que a virtude seja ensinada a outros. Na obra Sócrates narra a um amigo como foi seu encontro no dia anterior com o famoso sofista Protágoras, cujo ofício ele afirma ser formar bons cidadãos (319a). A questão de Sócrates se dá porque para ele (jovem, na ocasião), afirma que na cidade (a Polis grega), cada trabalhador tem seu próprio ofício, no qual se destacam e são referências e autoridades nestes assuntos, de tal forma que quem quer que tenha dúvida ou necessidade de determinado assunto vai a procura de um trabalhador da área. Assim, como ele conversa com Hipócrates no caminho para encontrar Protágoras, eles chegam à conclusão de que o ofício do Sofista é alimentar a alma com seus ensinamentos, para torná-la sábia (312c-314b). Porém, Sócrates indaga como é possível tornar alguém virtuoso se, embora todos os trabalhadores ensinem seus

ofícios a seus filhos, de forma que estes se tornem ainda melhores que seus pais, por que então os homens de virtude não tornam seus filhos ainda mais virtuosos? Sócrates se refere ao fato de que, na democracia ateniense, todos os cidadãos tinham voz em assuntos de administração pública. Porém, isso não faria sentido, pois a virtude para tal, assim como todos os ofícios, era a qualidade de poucos e não muitos. Por isso, como é possível alguém ensinar outro a ser sábio ou virtuoso? A resposta de Protágoras de que a virtude pode sim ser ensinada, é que ela é uma dádiva dos deuses aos homens para que estes possam conviver e não matar uns aos outros. Assim, na vida em sociedade, se espera de cada um desenvolver seu ofício com excelência, mas de todos que sejam virtuosos, caso contrário estão sujeitos a serem punidos, pois sem virtude os homens não podem viver em conjunto.

Pode-se dizer que em Platão, a sabedoria levará a alma a agir e proceder com ética, e assim será alcançada a felicidade, que é o estado de bem-estar da alma (PARRY, 2014; SHAL, S. I.). Uma alma sem sabedoria é levada a agir de maneira injusta ou anti-ética, e isso a levará ao sofrimento (PARRY, 2014; SHAL, S. I.). Por isso uma pessoa que escolhe agir injustamente, faz isso por sua ignorância: não sabe que o que está fazendo é mau. Se soubesse, não faria assim. Ou o faz pois mesmo sabendo sobre o mal, sabe que irá tirar proveito de sua ação injusta. Portanto, Platão desenvolve o mal como falta de sabedoria, o que leva a uma vida antiética e por fim ao sofrimento da alma (PARRY, 2014). Por fim, o caráter social da filosofia é amar a sabedoria. Amar o mal corrompe o jovem e vicia o adulto, mas amar o bem

desenvolve o caráter na juventude e este é preservado na vida adulta (SHAL, S. I.).

Agostinho afirma que o verdadeiro filósofo é alguém que ama a Deus, pois Deus é a própria sabedoria em si. Nesse caso ele vai concordar (mesmo que em parte) com Platão sobre a importância da busca pela sabedoria (A Cidade de Deus 8.1, 8; Confissões 3.8). Ele também afirma concordar com Platão naquilo que ele não é contrário à fé cristã:

Me ponho junto aos platônicos no que não contradiz nossos assuntos sagrados, isso entenderei que confio (Contra os Acadêmicos, 3.43, tradução livre). Se, pois, Platão diz ser o sábio aquele que imita, conhece e ama a Deus, aquele que foi bem-aventurado, qual outra obra há a se procurar? Ninguém se aproxima de nós tanto quanto estes. [...] Agora é suficiente lembrar que Platão determinou o Bem Final ser o viver segundo a virtude, e somente é possível assim viver aquele que conhece a Deus e conhece a Deus e o imita, não há outra causa para bem-aventurança; Assim ele não duvida de que filosofar é amar a Deus, cuja natureza é incorpórea. Por isso segue-se que o estudioso da sabedoria, quando passar a se alegrar em Deus. (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, 8.5 e 8.8, tradução nossa, grifo nosso).

Isso torna claro que Agostinho toma emprestado pensamentos e conceitos de Platão, ainda que não

absolutamente. É claro que, ele a partir do momento em que ele afirma Deus (i. e., o Deus Cristão) ser a sabedoria em si, e que o verdadeiro filósofo é amante de Deus, ele não está completamente de acordo com Platão, uma vez que Platão não adorava nem cria no Deus Cristão, sendo que este viveu historicamente antes do cristianismo. O Platonismo não é, por isso, capaz de conduzir a salvação, porque não aceita a mediação de Cristo (A Cidade de Deus, 10.31; TORNAU, 2020).

Quando Agostinho discorre sobre o mal, ele não tem o objetivo de desenvolver uma ética, como Platão, mas sim lidar de maneira pastoral com os problemas de sua época: combater a doutrina dos maniqueus, a qual estava se introduzindo em círculos cristãos, e mais a frente responder às acusações lançadas a fé cristã depois da queda de Roma: Roma caiu por ter deixado de adorar os antigos deuses. Qual é real origem e “ontologia” do mal?

Agostinho vai demonstrar que o Mal não pode ser algo em si, pois isso desafia a própria lógica e ainda torna sem razão o fato de Deus ter criado tal coisa como o mal, sendo que tudo que Deus criou é de fato bom (Confissões, 7.7). Ele também vai mostrar que se o mal é contra a natureza, ele em si não pode ter uma natureza (Da Moral dos Maniqueus, 2.2). Por isso para Agostinho, o mal não é uma “substância” ou um “ser”, mas a ausência ou afastamento bem: quando a criatura se afasta de Deus, quem é o sumo bem, a criatura se torna má. O Mal é afastamento do bem. Além disso não há nenhuma criatura completamente má, pois do contrário esta deixaria de existir (Confissões 7.18). Esta é a base para o seu argumento sobre a origem do mal na Cidade de Deus, livro 12, quando ele fala a

respeito da apostasia dos anjos: foram criados bons, mas escolheram o mal.

Um contraste existe entre o pensamento de Platão com o de Agostinho neste assunto: Para Platão, a alma deseja o que é mal apenas por causa da ignorância. Uma alma instruída na sabedoria não irá desejar o mal. Porém, Agostinho mostra, como demonstra Alvin Plantinga (2014), de que o problema não é meramente sobre instrução (i. e., conhecer ou não o bem), mas sim afetivo: nós fazemos o mal porque desejamos o mal, nossas afeições desejam o que mal. Por isso, saber (do ponto de vista teórico) o bem não é suficiente para praticá-lo, pois as afeições ainda estão voltadas para aquilo que é contra o bem. Agostinho vai narrar no Livro 7 das Confissões sobre quando, durante sua infância, roubava frutas não para comer, apenas pelo simples prazer de roubar.

2. CONCLUSÕES

Platão se mostra muito otimista quanto à natureza humana: quem faz o mal é, em última análise, apenas por falta de conhecimento, do contrário, faria apenas o que é justo. Agostinho, no entanto, admite que fazia o mal para benefício próprio, mas não por ignorância: ele sabia que roubar é errado, mas o faz por prazer em fazer. Agostinho sabe que a tendência humana de fazer o mal é resultado da queda, a qual nos aliena de Deus, o Bem supremo e fonte da verdadeira sabedoria, e nossas afeições se voltam para aquilo que é contrário à natureza: isso, portanto, dá origem ao mal. O Mal é o vício (*vitium*, A Cidade de Deus, 12.3) nos leva querer e a fazer o que é contrário à natureza,

a qual é boa, pois foi criada pelo Deus que é o Supremo Bem. É visível que mesmo as pessoas mais disciplinadas e que estudam ainda optam, muitas vezes, pelo que não é bom. Mesmo pessoas estudadas e entendidas de ética acabam fazendo o que é antiético. Como Paulo diz: “o bem que quero fazer, esse não faço, mas o mal que não quero fazer, esse faço” (Romanos 7.19).

REFERÊNCIAS

CALDERT, T. The Concept of Evil. **The stanford encyclopedia of philosophy**. Summer 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/concept-evil/>. Acesso em: 19out.2020.

KRAUT, R. Plato. **The stanford encyclopedia of philosophy**. Fall 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/plato/>. Acesso em: 19out.2020.

PARRY, R. Ancient Ethical Theory. **The stanford encyclopedia of philosophy**. Fall 2014. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/ethics-ancient/>. Acesso em: 26 out.2020.

PLANTINGA, A. **Crença Cristã Avalizada**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2018.

SHAW, C. Ancient Ethics. **Internet encyclopedia of philosophy (IEP)**. [S.l.: s.n.] Disponível em: <https://iep.utm.edu/a-ethics/>. Acesso em: 26out.2020.

TORNAU, C. Saint Augustine. **The stanford encyclopedia of philosophy**. Summer 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/augustine/>. Acesso em: 19out.2020.